# Autoimagem compartilhada - 11/06/2023

\_Mostra um caminho que possibilita achar uma imagem de “eu” que pode ser  
compartilhada\*\*[i]\*\*\_  
  
Em sua análise dos indexicais, Costa nos apresenta o conceito de pessoa como o  
conteúdo do eu. Os indexicais, como ele define, são termos singulares que  
servem para identificar particulares, como por exemplo, os demonstrativos  
“este” e “aquele”, os advérbios “aqui” e “agora” ou o pronome pessoal “eu”, o  
qual focaremos nesse texto.  
  
Para Costa, é por meio dos indexicais que a linguagem toca a realidade, o que  
fica bem evidente quando dizemos “Dai-me esta caneta”. O “esta” indica o  
objeto próximo ao falante e, quando acompanhado pelo gesto de ostensão, aquele  
que aponta para a caneta, deixa mais evidente o contato com a realidade,  
mediante a linguagem.  
  
Contudo, termos ou sentenças indexicais têm a características de variarem o  
sentido conforme o contexto: “Hoje é sexta-feira” é verdade em uma sexta-  
feira, mas não é verdade em um sábado. Costa define duas espécies de  
significado para os indexicais: a \_função lexical\_ , que é o significado  
linguístico e o \_conteúdo semântico\_ que é o sentido[ii].  
  
Ora, a função lexical é o sentido literal do termo, invariante: no caso do  
“eu” é o falante. Essa é a regra, “eu” sempre se refere à pessoa que o profere  
no momento que profere. Porém, a função lexical é insuficiente quando há  
significação, pois ele é diferente quando dito por pessoas diversas. É aí que  
aparece a segunda espécie de significado do indexical: o conteúdo semântico  
que varia com o contexto de proferimento, levando em conta a situação real de  
fala[iii].  
  
Esse segundo significado traz a referência do “eu” e que pode dizer tanto  
quanto o nome próprio diz. Como está associado à pessoa que diz, seu conteúdo  
semântico é o objeto, o ser humano[iv]. É aí que Costa reflete que, para  
entender pronomes pessoais, precisamos primeiro entender o que é uma pessoa  
qualquer e depois situá-la em um contexto, adicionar um sexo ou gênero, idade  
e etc. Resume-se em um “eu” + regra de identificação e aplicá-los em um  
contexto espaciotemporal, que é aquele compartilhado por todos nós.  
  
Para Costa, é uma certa pessoa, conceito como postulado por Strawson, que é o  
objeto real de referência do pronome pessoal eu. Essa pessoa é empírica,  
espaciotemporal e psicológica, composta por uma mente humana e um corpo físico  
biológico. O eu, nessa definição, é um “eu” “palpável”, isto é, um eu que pode  
ser compartilhado e que supera o eu fugidio de Hume ou o eu intangível de  
Kant.  
  
A fortaleza do conceito de Pessoa de Strawson, reside no fato de que ele é um  
conceito primitivo (possui primitividade lógica), quer dizer, ele vem antes de  
uma propriedade mental ou física, esses sim, dele dependentes. Conforme ele:  
“O que temos de reconhecer, ..., é a primitividade do conceito de pessoa.” (p.  
144)[v] É a um indivíduo que são aplicados predicados atribuidores tanto de  
estados de consciência quanto de características físicas.  
  
É por tal conceito que Costa supera (e mesmo Strawson) o “eu” humiano, aquele  
fluxo de sensações que pode ser constituído a partir de uma autoimagem que de  
nós fazemos, pelo acúmulo de nossas ideias, memorias e convicções, de maneira  
indireta a partir do fluxo[vi]. Segundo Costa, há uma constituição egóica  
psicológica que, se no todo é considerada transcendental por Kant, pode ser  
conhecida “por partes”. Essa constituição não é a totalidade porque o “eu” não  
pode, ao mesmo tempo, ser observado e observador, e sim o oposto, forma uma  
ideia de si no tempo. Citemos Costa:  
  
“Quando penso em meu próprio eu, porém, é naquilo que sou, é no que poderíamos  
chamar uma constituição egóica subjetiva pertencendo à minha pessoa e que sou  
capaz de experienciar diretamente como um todo, mas da qual formo uma ideia  
com base em estados mentais que se reiteram, que são mais ou menos  
interrelacionados, que por vezes me vêm à mente e aos quais posso me referir”.  
(p. 32)  
  
Essa constituição subjetiva faz parte da trinca que será conceituada por Costa  
em sua teoria: ela se refere ao léxico e será instanciada por um conteúdo  
semântico que é uma pessoa particular [pensável] e que, no ato da referência,  
aponta a uma pessoa real correspondente (caso haja). Tudo isso mostra como a  
linguagem toca à realidade e como a Filosofia da Linguagem não evita uma  
ontologia, por mais que tenham sido feitos esforços analíticos[vii].  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Toma por base a argumentação presente em COSTA, C. \_Cognitivismo  
Semântico: Filosofia Da Linguagem Sob Nova Chave.\_ Curitiba: Editora Appris,  
2022.  
  
[ii] Embora pareça que para Kaplan eles sejam um só, o caráter, como será  
abordado por Costa mais a frente, mas não nessa comunicação.  
  
[iii] Um exemplo que Costa usa é bem figurativo. É uma situação em que o  
doente recebe uma visita que diz: “Eu estou aqui”. Esse “eu”, em casos como  
este, vem carregado de significado, é um “eu” que tem uma história implícita  
entre falante e ouvinte, visita e doente, e que traz conforto. Há também o  
contraexemplo do animal que diz “Eu me chamo Loro”, que empobrece o sentido.  
  
[iv] Aqui não entraremos na questão principal de Costa que é a de discutir a  
teoria da referência direta que ele pretende superar, por meio de um  
cognitivismo neofregeano. Sobre isso, esperamos falar.  
  
[v] STRAWSON, P. \_Indivíduos: Um ensaio de metafísica descritiva.\_ São Paulo:  
Editora UNESP, 2020  
  
[vi] Último parágrafo aponta para esse problema:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2015/08/ceticismo-alegre-e-  
modesto.html>.  
  
[vii] Lembrar que Sagid divide o tema em problemas descritivos e fundacionais,  
conforme introdução:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2022/10/filosofia-da-linguagem-  
introducao-e.html>.